

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA NACIONAL ESCOLA DE GESTORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR
4.ª EDIÇÃO (2014-2015)
SALA - AMBIENTE PROJETO VIVENCIAL (PV)**

Mirta Magali Lopes Passi

DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

SANTANA DO LIVRAMENTO

2015

Mirta Magali Lopes Passi

DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado ao programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED, como requisito ao título de Especialista em Gestão Educacional do Programa Nacional de Gestores da Educação Básica/MEC, orientado pelo Prof.^o Antonio Paim Falcetta

SANTANA DO LIVRAMENTO

2015

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a orientação sexual no ambiente escolar, visto que é um dos temas transversais a serem abordados no currículo educacional, já que, nas últimas décadas, a abordagem da sexualidade vem ocupando espaços nos meios de comunicação e sendo discutida entre membros de diferentes segmentos sociais. Desse modo, pelo Projeto de Intervenção desenvolvido na Especialização em Gestão Educacional do Programa Nacional de Gestores da Educação Básica/MEC em convênio com a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aplicado em uma Escola de Ensino Médio Politécnico, localizada em Uruguaiana RS, debateu -se sobre as fragilidades e as possibilidades da escola para o desenvolvimento de práticas educativas de reconhecimento e de defesa da identidade de gênero e da diversidade sexual, visando compreender seus limites e observar suas oportunidades. Assim, pretende-se contribuir para a constituição de uma educação sexual escolarizada de enfrentamento à homofobia, no sentido de se pensarem práticas educativas que proporcionem relações sociais positivas. O projeto teve como foco a turma de 8.º ano, totalizando em média 25 alunos, entre 14 e 15 anos. Como objetivo principal, determinou-se a busca de possíveis disseminadores que viessem a contribuir para a conscientização da identidade de gênero e da diversidade sexual no ambiente escolar. Durante o trabalho, foram levados vídeos, textos, documentários que orientassem os jovens a refletir sobre sua posição em relação ao assunto, especialmente sobre como escola e sociedade tratam desses temas. Notou-se, durante a exposição, que alguns apresentam muita resistência quando o assunto é diversidade sexual; outros defendem a liberdade de expressão e sexual de cada um. Com o auxílio do material disponibilizado pelo grupo de pesquisa GESE – FURG em parceria com a Secad/MEC, em cumprimento das metas estabelecidas pelo Programa do Governo Federal “Brasil sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual” e pelo “Plano Nacional de Política para as mulheres”, buscamos autores como Louro (1997-2001) e Junqueira (2009) para embasar nossos estudos.

Palavras-chave: Diversidade. Escola. Discriminação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
REFERENCIAL TEÓRICO	6
1 A HETERONORMATIVIDADE	6
2 A SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR E A GESTÃO DEMOCRÁTICA ..	7
METODOLOGIA	12
AÇÕES ANALISADAS	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS	19

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, trago para o espaço escolar o debate sobre as fragilidades e possibilidades de uma Escola de Ensino Médio Politécnico, localizada em Uruguaiana, bem como no desenvolvimento de suas práticas educativas, reconhecer e defender a identidade de gênero e a diversidade sexual.

Desta maneira, assume-se uma dimensão de relevância social, na medida em que nossa sociedade, apesar dos avanços nos campos da sexualidade, tem demonstrado bastante intolerância e resistência em reconhecer os direitos sexuais e humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – LGBTT. Intolerância e resistência expressadas nas relações cotidianas vividas nos mais diversos espaços de socialização.

Neste contexto, a escola, uma das instâncias sociais responsáveis pelo desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos, tem demonstrado muita fragilidade na condução do processo educativo de desconstrução de preconceitos e discriminações. Identificando tal fragilidade no ambiente escolar, buscamos com os alunos do 8.º ano da escola uma reflexão seguida de debate sobre o tema sexualidade. Foram realizadas com a turma a leitura de textos, vivências e principalmente a reflexão a partir do livro TEENcontrei, que trata de diferentes questões referentes a gênero e sexualidade. Para abordar tais questões, contamos sempre com o apoio dos trabalhos de Louro (1997–2001) e Junqueira (2009).

Levando em conta a gestão democrática, buscamos conscientizar e disseminar tal tema com os professores, famílias e toda a equipe que compõe o ambiente escolar, buscando traçar fatos que nos levem a refletir em qual realidade estamos inseridos.

A finalidade deste trabalho, portanto, é contribuir para uma análise criteriosa das questões que envolvem a orientação sexual, propondo uma reflexão sobre os valores e tabus, e a necessidade de abordá-la no contexto escolar, a fim de esclarecer e superar preconceitos relacionados à temática. Este estudo possibilita também, aos educadores, algumas reflexões que contribuem, assim, para o avanço das práticas docentes e do trabalho pedagógico.

REFERENCIAL TEÓRICO

1 A HETERONORMATIVIDADE

Uma vez que o conceito de ‘heteronormatividade’ é fundamental para iniciarmos esta reflexão, começamos pela investigação do termo, como propõe Luis Henrique Sacchi dos Santos (2007). *Hetero* significa outro, diferente, ou seja, o antônimo de *homo*, que significa igual. Ainda seguindo o conceito de Luis Henrique Sacchi Santos (2007), podemos tomar o termo hetero em relação à sexualidade. A palavra *heterossexual* diz respeito à atração que uma pessoa sente por outra(s) de sexo diferente do seu, enquanto a palavra *homossexual* diz respeito à atração que uma pessoa sente por outra(s) do mesmo sexo.

Seguindo a análise do termo *heteronormatividade*, agora levando em conta o vocábulo *norma*, vemos que este diz respeito a algo que regula e busca tornar igual. Dessa forma, a heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de se viverem os desejos corporais e sexuais. De acordo com o que está socialmente estabelecido, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de denominação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho.

Partindo dos conceitos de heteronormatividade, concluímos que se o sujeito foge aos padrões estabelecidos é como se estivesse excluído daquilo que é padrão, no caso, de sexualidade. E na escola não é diferente; os sujeitos que se encontram fora dos “padrões” heteronormativos sofrem exclusão e enfrentam no ambiente escolar o seu pior inimigo: nossa sociedade é não apenas heterossexual, mas marcadamente heteronormativa.

É indiscutível, portanto, a importância que o ambiente escolar tem na constituição, na possível desestabilização e até na perpetuação desses atributos preestabelecidos, que têm por objetivo subjugar o desejo e a expressão da vontade.

2 A SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR E A GESTÃO DEMOCRÁTICA

Refletindo sobre a Gestão Democrática, é imprescindível saber organizar e gerir a escola pública. Este é um desafio para todos, coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, professores e para os diretores, pois são esses os principais interlocutores sociais da organização escolar, responsáveis pela sensibilização ética dos educadores. Desta forma, é necessário comprometê-los com a gestão democrática, que é o processo político pelo qual as pessoas da comunidade escolar discutem, deliberam, planejam, solucionam problemas e os encaminham, acompanham, controlam e avaliam o conjunto das ações voltadas ao desenvolvimento da própria escola. Desta forma, a escola depende de todos os seus segmentos para ter sucesso em seu trajeto como ambiente socializador e formador de opiniões. Ainda, sobre o assunto, Paro (1986) diz que

A administração escolar inspirada na cooperação recíproca entre os homens deve ter como meta a constituição, na escola, de um novo trabalhador coletivo que, sem os constrangimentos da gerência capitalista e da parcialização desumana do trabalho, seja uma decorrência do trabalho cooperativo de todos os envolvidos no processo escolar, guiados por uma "vontade coletiva", em direção ao alcance dos objetivos verdadeiramente educacionais da escola (1986, p.160).

Esse processo, sustentado no diálogo e na distinção, tem como base a participação efetiva de todos os segmentos da comunidade escolar, o respeito a normas coletivamente construídas para os processos de tomada de decisões e a garantia de amplo acesso às informações aos setores. Sabe-se que há um longo caminho a percorrer, no entanto, é preciso agir, sair da zona de conforto, sair da espera do milagre, e enfrentar desafios na busca de uma educação que seja veículo para se alcançar uma sociedade mais justa e igualitária.

Assim, a apresentação e apreciação do Projeto de Intervenção (PI) no ambiente escolar colaborou para tornar o trabalho educativo democrático e efetivo, pois leva em conta a participação de todos para, assim, atingir a totalidade dos sujeitos implicados na comunidade escolar.

Especialmente por ser a adolescência o período de experimentação da sexualidade, segundo Werebe (1979) e da demarcação fundamental das diferenças de gêneros, isto é, das construções sociais sobre ser homem e ser mulher na estruturação da identidade, e por estarem começando a vivenciar relações

amorosas, os jovens se questionam sobre sua sexualidade e dão espaço a experimentações que os ajudem a entendê-la. Há os que constroem relações heterossexuais, a mais usual, mas há os que escolhem relações homossexuais ou bissexuais. Na medida em que se democratiza, cada vez mais a sociedade vai compreendendo que as pessoas precisam ser respeitadas em suas orientações sexuais. Segundo Abramovay (2004, p. 29), “A sexualidade envolve, além do corpo, nossa história, nossas relações afetivas, nossa cultura”.

Sendo assim, a ideia inicial de trabalhar questões da sexualidade, gêneros e corpos na escola surgiu com o grupo de pesquisa GESE – FURG, ação realizada em parceria com a Secad/MEC, em cumprimento das metas estabelecidas pelo Programa do Governo Federal “Brasil sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual” e pelo “Plano Nacional de Política para as Mulheres”.

Tais estudos desenvolvidos pela Secad orientam os profissionais da educação que buscam em suas práticas pedagógicas introduzir as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades em suas salas de aula, contribuindo assim para a superação do preconceito.

A escola, que é um ambiente socializador, produtor de sujeitos, de modos de olhar, pensar e viver a diversidade, os prazeres, os desejos, as masculinidades e as feminilidades, deve estar preparada para as diferentes discussões que as temáticas de sexualidade e gênero podem sugerir.

Dessa forma, o presente projeto buscou orientar os alunos do oitavo ano do ensino fundamental para as diferentes manifestações de gênero e sexualidade presentes no cotidiano escolar, orientando novos pensamentos e reflexões acerca das formas como agimos em relação aos corpos, aos gêneros e às sexualidades.

Como afirma Louro (1997), numa perspectiva pós-estruturalista:

[...] tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não dito, aquilo que é silenciado – os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais – e da homossexualidade – pela escola (1997, p. 67).

A escola e os profissionais preferem ignorar tais fenômenos no ambiente escolar por falta de formação e informação. A homossexualidade é orientação sexual que mais sofre preconceitos e violências na escola, pois a cultura de muitos alunos obedece aos padrões de “certo” e “errado” que grande parte da sociedade impõe (religiosos, estudiosos, classe média, alta e baixa). Louro (2000) já afirmava que:

Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, "normais" (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros. Eles falam por si e também falam pelos "outros" (e sobre os outros); apresentam como padrão sua própria estética, sua ética ou sua ciência e arrogam-se o direito de representar (pela negação ou pela subordinação) as manifestações dos demais grupos. Por tudo isso, podemos afirmar que as identidades sociais e culturais são políticas. As formas como elas se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder. (2000,p.9)

Vivemos hoje um turbilhão de informações, o reconhecimento homossexual e bissexual pela mídia; a imposição das discussões sobre sexualidade e sexo, a partir da expansão da AIDS; e as diferentes formas de concepção familiar, o avanço da mídia propicia para que tais temáticas quebrem os tabus da escola e da sociedade.

Não há dúvidas de que a escola tem como um de seus papéis formarem cidadãos para a boa convivência em sociedade, para isso, os alunos devem aprender a respeitar as diferenças. Muitos professores e gestores partilham dessa opinião, mas ainda considera a diversidade sexual um tabu dentro da sala de aula.

Ao se calar frente a essa realidade, a instituição de ensino acaba fechando os olhos para o preconceito - que, cedo ou tarde, tende a se materializar nos casos de violência e homofobia que vemos com frequência na mídia, como afirma Louro (2001):

O processo de ocultamento de determinados sujeitos pode ser flagrantemente ilustrado pelo silenciamento da escola em relação aos/às homossexuais. No entanto, a pretensa invisibilidade dos/as homossexuais no espaço institucional pode se constituir, contraditoriamente, numa das mais terríveis evidências da implicação da escola no processo de construção das diferenças. De certa forma, o silenciamento parece ter por fim “eliminar” esses sujeitos, ou, pelo menos, evitar que os alunos e as alunas “normais” os/as conheçam e possam desejá-los/as. A negação e a ausência aparecem, nesse

caso, como uma espécie da garantia da “norma” (LOURO, 2001, p.89).

Desta forma, o distanciamento do educador frente às diversidades que se apresentam na escola favorece a discriminação, pois muitos veem como solução ignorar tais corpos no ambiente a fim de evitar possíveis questionamentos ou discussões.

Em termos de possibilidade de enfrentamento ou mesmo de estratégia de superação da discriminação, Rios (2009) aponta o desenvolvimento do autoconhecimento e da abertura para o outro, de um lado; de outro, mais coletiva, a elaboração de políticas públicas, especialmente as educacionais, aliadas a respostas e ações jurídicas, a fim de se poder garantir direitos.

Quanto à educação, a escola se apresentaria com, pelo menos, duas formas de conduzir o conhecimento e sua proposta pedagógica: ou ela se estrutura enquanto espaço por excelência de manutenção e conservação de condutas e padrões estabelecidos ou, então, se tornaria instrumento formador e promotor de transformação e construção do novo, rompendo ideologicamente com uma postura e uma ética conservadoras.

A escola é, por excelência, o lugar em que meninos e meninas aprendem a conviver com as diferenças e a deixar de lado preconceitos e estereótipos que encontram nas demais esferas sociais. A instituição não pode se render à pressão de famílias que não aceitam que o filho estude com um professor ou um colega assumidamente homossexual. Perseguições por causa de orientação sexual são inadmissíveis. Cabe aos educadores deixar isso claro e fazer com que a escola seja, de fato, um espaço em que se aprende a respeitar a todos. Na análise de Louro, analisamos que

É importante notar, no entanto, que, embora presente em todos os dispositivos de escolarização, a preocupação com a sexualidade geralmente não é apresentada de forma aberta. Indagados/as sobre essa questão, é possível que dirigentes ou professores/as façam afirmações do tipo: "em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhum problema nessa área", ou então, "nós acreditamos que cabe à família tratar desses assuntos". De algum modo, parece que se deixarem de tratar desses "problemas" a sexualidade ficará fora da escola. É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz (LOURO, 2001, p.80).

Notamos a importância e a influência que muitas vezes a comunidade traz para a escola, pensamos que esta se constitui do externo e deve levar em conta a conscientização, para que novas atividades e possíveis mudanças no currículo venham de encontro com as necessidades de quem constitui o ambiente escolar.

Nota-se que muitas vezes a comunidade não está a par das ações da escola por puro comodismo (por achar que o ato de educar cabe somente à escola) e isso acaba gerando uma situação de conflito que se dará futuramente, pois quando não há a participação do meio comunitário na escola o mais provável que aconteça é que lacunas ficarão na aprendizagem dos educandos, o que se refletirá negativamente na sociedade em longo prazo, por isso é de grande grau de importância que haja a inter-relação da escola com a comunidade nos processos de ensino-aprendizagem. Assim se poderá garantir uma maior eficácia da educação, porém é preciso ter a consciência de que sempre haverá contradições, mesmo se tivermos escolas que trabalhem considerando a realidade local. São características típicas do trabalho que envolve material humano.

Nesse percurso, surge a necessidade de trabalhar o tema diversidade sexual no ambiente escolar, já que este é um espaço frequentado diariamente por crianças e jovens. Depende-se um longo período de vida na formação dos indivíduos. Por meio de reflexões, leituras, documentários, filmes. Mostrar aos jovens do oitavo ano da Escola o quanto o tema é importante, fazendo com que respeitem as diversidades de tal forma que passem a disseminar as questões que envolvem sexualidade e gênero.

METODOLOGIA

Dentre as formas de pesquisas qualitativas, a pesquisa-ação possui grandes possibilidades de aplicação, contribuindo em diversas áreas, como, por exemplo, na escolar. Thiollent (2008) afirma que a pesquisa-ação é um método ou uma estratégia de pesquisa que agrega várias técnicas da pesquisa social, com as quais é estabelecida uma estrutura coletiva, participativa e ativa para a captação da informação. Para o autor, uma pesquisa pode ser qualificada como pesquisa-ação quando houver realmente uma ação de caráter “não trivial” por parte das pessoas envolvidas no problema observado.

Dessa forma, a necessidade de tratar de assuntos de sexualidade na escola se torna essencial, por ser um ambiente socializador e formador de opiniões. A melhor forma de tratar sobre o tema é trabalhar em conjunto para traçar estratégias necessárias para o combate e o enfrentamento de discriminações no ambiente educacional – mesmo percebendo que as escolas ainda parecem propor um acordo tácito de silêncio, dissimulação e negação a respeito da sexualidade e das questões de gênero. Estudantes e professores disfarçam curiosidades e inquietações. Fazem de conta que vivem exclusivamente de acordo com os padrões estabelecidos. Apesar dos esforços ou da pretensão de alguns, essas temáticas não conseguem ser mantidas fora da escola.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Dessa forma, a pesquisa-ação visa uma forma de ação planejada, visando uma transformação da realidade.

A sugestão de trabalhar com o tema surgiu através de uma pesquisa realizada com os alunos, que demonstraram bastante interesse em trabalhar com a temática, bem como surgiram diversas dúvidas sobre os assuntos relacionados a gênero e sexualidade.

Com esse objetivo de levar até a escola o tema, algumas metas foram traçadas. Primeiramente, a reestrutura do PPAP da escola, buscando integrar o tema diversidade no currículo. A partir desse ponto, conscientizar pais, alunos, professores e toda a equipe escolar de que o tema Diversidade Sexual e de Gênero

deve ser amplamente debatido e trabalhado em busca da solução para a homofobia e a discriminação que vemos dentro e fora do ambiente escolar. Para a reestruturação do PPAP da escola, levamos em conta a participação ativa de todos os membros da comunidade escolar, visto que é algo que irá beneficiar e atender às necessidades de todos. Em seu artigo, João Ferreira de Oliveira (2003) afirma:

De modo geral, vale a pena insistir em um processo em que a escola seja a autora do seu Projeto. A sensibilização à cultura do registro do pensado e vivido pela escola; o encontro de alternativas criativas para problemas cristalizados no cotidiano; o aumento do interesse da escola em conhecer melhor sua comunidade; a busca de processos mais democráticos e, em especial, o aguçamento da crítica e da autocrítica, pautados no respeito às diferenças, em relação às práticas de gestão e à atuação dos órgãos colegiados, dentro e fora da escola, são pontos fundamentais para o avanço democrático e formativo no âmbito das escolas (OLIVEIRA, 2003).

Sendo assim, o PPAP da escola deve ser elaborado em conjunto, levando em conta as possibilidades e a viabilidade de suas expectativas, pois deve ser um plano completo e possível de ser executado.

AÇÕES ANALISADAS

É possível perceber o quanto o universo escolar é heterogêneo, diverso, com qualidades e defeitos, certezas e dúvidas, perfis abertos ou fechados, ao encontro das diferenças. Nesse sentido, acredita-se na importância do desenvolvimento de práticas educativas de reconhecimento e defesa da diversidade sexual nos espaços escolares, diminuindo preconceitos e discriminações.

Sendo assim, o PI foi apresentado em reunião para professores, pais e toda a equipe escolar para apreciação. Nesse momento, em que foram levantadas algumas questões que envolvem religião e postura familiar, deixamos claro que a intenção com o PI é o respeito por parte da sociedade e a sua aceitação. Nós, como profissionais da educação, não podemos mudar a formação que nossos alunos já trazem de casa, mas podemos, sim, contribuir para a sua formação, mostrando as diferentes formas de pensar e agir que existem em nosso cotidiano, e que o respeito é a melhor forma que encontramos para viver em sociedade.

Surgiu, então, durante a reunião, com o objetivo de provocar transformações no ambiente escolar, a reestruturação do PPAP da escola. Nessa ação incluiremos como tema transversal a diversidade, para que, assim, professores de diferentes disciplinas possam traçar atividades para trabalhar até mesmo de forma interdisciplinar na sala de aula. Como sabemos que tal discussão ainda causa estranhamento para muitos profissionais, até por que não existe qualificação adequada de como tratar do assunto de forma esclarecedora. Iniciou-se, então, o trabalho com o oitavo ano do ensino fundamental, buscando soluções para o enfrentamento contra a discriminação e a homofobia.

Considerando que para se elaborar um Projeto Político Pedagógico é necessário planejar como afirma Gandin (2007, p. 18) “[...] o processo de planejamento é concebido como uma prática que sublinhe a participação, a democracia, a libertação. Então o planejamento é uma tarefa vital [...] para o bem-estar do homem e da sociedade”. Foi enfatizada na apresentação a importância dos educandos na construção do PPAP, pois nas suas falas mostraram ter conhecimento sobre que realidade queria para si, que sociedade almeja, que relações de poder e de amizade gostariam de manter.

Após a reunião com os segmentos da escola foi realizado junto à turma a leitura de notícias sobre casos de homofobia, dentro e fora das escolas. Logo após

promovemos uma roda de discussão entre os jovens que realizaram também a leitura do livro TEENcontrei, que conta as cenas da vida de cinco adolescentes que se conheceram num site de relacionamento chamado TEENcontrei. As cenas buscam retratar situações do cotidiano dos/as adolescentes a partir de temáticas que são abordadas ao longo dos capítulos: Família, Baladas, Rolos e Paqueras, Corpos, Segredos e Enfim, te encontrei, capítulo que aborda o encontro dos jovens que se conheciam somente através de um site de relacionamentos, momento em que trocam experiências e enfim podem se conhecer.

A obra não tem a pretensão de abordar todas as temáticas que envolvem a adolescência, pois entendemos a complexidade de temas que fazem parte desses grupos, a finalidade do livro é apenas, oportunizar algumas ferramentas e possibilidades de abordagens que contribuam para a discussão de questões centrais no estudo da sexualidade como as identidades de gênero, a diversidade sexual, os corpos as configurações familiares, os sentimentos, os prazeres, os desejos e as doenças sexualmente transmissíveis, a obra foi apreciada pelos pais e professores que identificaram a relevância da mesma.

Para tratar sobre as questões de preconceitos, diversidade sexual e de gênero presentes na escola levamos em conta o texto “! Não sei se gosto de meninos ou meninas?” o diálogo presente no livro TEENcontrei trata da história do menino Serginho, que relata muitas dúvidas quanto a sexualidade, os preconceitos enfrentados e a violência cotidiana que os jovens sofrem por não seguir o modelo heterossexual .

Durante a leitura os alunos confrontaram a história com a realidade e debateram sobre o assunto, como tal tema é abordado pela sociedade, escola, família e amigos. Confrontaram as suas opiniões do que é ser heterossexual e as grandes dificuldades que o homossexual enfrenta, como a discriminação e a violência, o principal objetivo do projeto é que os alunos tenham uma visão mais ampla do tema e de como tratar do assunto com os demais colegas.

Após a reflexão, a turma trouxe para apreciação no ambiente escolar o filme *Minha vida em cor de rosa*. Este filme aborda não apenas a questão da sexualidade, mas principalmente as relações família-sociedade, a pressão social para que tudo e todos sejam perfeitamente enquadrados nas estruturas convencionadas, em que os diferentes são rejeitados, desrespeitados e ignorados sistematicamente. O que nos

leva a refletir sobre o nosso papel dentro desse contexto social ainda tão conservador.

Após análise do filme e discussão, surgiu a ideia de distribuir pôsteres de conscientização na escola e produzir cartazes que apresentem o tema, durante a elaboração os alunos pesquisaram e refletiram sobre o tema.

Uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e feminilidade e uma única forma normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico (LOURO, 2003, p.45).

A sexualidade é algo característico à condição humana, e suas manifestações revelam-se desde a mais tenra idade, mesmo sendo ocultas, reprimidas ou ignoradas. A família está presente no desenvolvimento e na formação da criança e é responsabilidade dos pais educar sexualmente seus filhos, passando-lhes essencialmente valores. Cabe também à escola mostrar e orientar os jovens sobre as práticas discriminatórias e excludentes.

Sabemos que o tema gera muita discussão, ainda mais tratando-se de escola, o projeto conseguiu atingir seus objetivos, mas ainda buscamos que o tema seja abordado por todos os educadores e toda a escola, para isso traçar metas e formular novos projetos é o principal objetivo do estudo.

Embora ainda haja, claramente, muito a ser feito para compreender mais completamente a diversidade e a variedade da experiência sexual humana, esses desenvolvimentos oferecem, não obstante, alguma esperança de que possa ser possível desenvolver uma gama de pesquisas mais diretamente relevantes e praticamente aplicáveis aos problemas mais imediatos enfrentados pelos sujeitos de investigação que vivem no mundo real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa sociedade é não apenas heterossexual, mas marcadamente heteronormativa. Dessa forma, falar de Diversidade Sexual na escola não é uma tarefa fácil, visto que a sociedade impõe seu “modelo”, e tudo o que venha a fugir desse modelo causa estranhamento. Pesquisas e estudos indicam que a discriminação e o preconceito estão presentes na sala de aula, já que o modelo imposto às famílias, nos diversos grupamentos e organismos que povoam o sistema social e, muitas vezes, dentro da escola, é heteronormativo e rígido.

Nesse sentido, para o presente trabalho, que se insere no conjunto de abordagens acerca das diversas formas de violência escolar, o foco de estudo refere-se às manifestações de violência e preconceito no mundo da escola e, em especial, à violência sexual relacionada à homofobia, enquanto realidade presente e vivida no cotidiano das pessoas que compõem o ambiente escolar.

Durante o desenvolvimento do PI, desenvolvemos inúmeras atividades com a turma do oitavo ano do ensino fundamental da escola, questionamentos e diferentes abordagens surgiram da interação entre professor/aluno sobre o tema Diversidade, o que nos surpreendeu bastante como gestores e parte integrante desse contexto foi a participação positiva dos alunos, a vontade dos jovens de expressar seu ponto de vista sobre o assunto, as desconformidades que os assombram em relação à discriminação e à homofobia.

Algumas ações ainda não foram desenvolvidas, pois envolvem todos os segmentos da escola. A reestruturação do PPAP, por exemplo, deve ser construída em conjunto, com ações possíveis. Dessa forma, notamos que alguns professores ainda demonstram resistência para falar do assunto. Assim, buscaremos, junto a especialistas, palestras que informem e auxiliem os docentes a ter uma visão mais ampla sobre o tema.

Sabemos que estamos iniciando uma grande discussão, pois assim como temos alunos/família e professores que respeitam a diversidade, enfrentamos e enfrentaremos grandes tabus. Temos de ter em mente que ninguém é forçado a aceitar, mas todos devemos respeitar as escolhas que cada um faz para a sua vida. O nosso objetivo primordial é fazer com que todos os professores trabalhem a

questão em sala de aula, que todos vejam que é possível falar de diversidade e que nós, como parte de uma sociedade, devemos saber viver nela de maneira cooperativa e racional.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel; História da Sexualidade I: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza de Costa Albuquerque e J. A. Quilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GANDIN, Danilo. (2000b). Escola e Transformação Social. Petrópolis: Vozes, 6ª ed

_____. (2000a). A Prática do Planejamento Participativo. Petrópolis: Vozes, 8ª ed.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Currículo, gênero e sexualidade- O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In LOURO (Org) Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação- Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2008.

Sexualidade e escola: compartilhando saberes e experiências. / Organizado por Fabiane Ferreira da Silva ... [et al.]. 3.ed.revisada. Rio Grande: Editora da FURG, 2013.

Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar. / Organizado por Paula Regina Costa Ribeiro e Raquel Pereira Quadrado. 3. ed. revisada. Rio Grande: Editora da FURG, 2013.

http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/57/Projeto_Vivencial/PV1/FRANCO_Pedagogia-da-Pesquisa-acao.pdf Acesso: 14/007/2015.

http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/57/Projeto_Vivencial/PV1/RICHARDSON_Como_fazer_Pesquisa_Acao.pdf Acesso: 14/07/2015.

http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/57/Biblioteca_Geral/Sala_II_-_PPGE/Textos_Unidade_3/PPGE_-_UNIDADE_3_-_Projeto_Politico-Pedagogico_-_construcao_coletiva_do_rumo_da_escola.pdf Acesso: 19/10/2015

<https://www.youtube.com/watch?v=CnOAQDrImxs>